



# A Santa Sé

---

**MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO  
AO CARDEAL PETER K. A. TURKSON  
POR OCASIÃO DA CONFERÊNCIA:  
"NONVIOLENCE AND JUST PEACE: CONTRIBUTING TO THE  
CATHOLIC UNDERSTANDING OF AND COMMITMENT TO NONVIOLENCE"**

**[ROMA, 11-13 DE ABRIL DE 2016]**

*Senhor Cardeal!*

Sinto-me feliz por transmitir a minha cordial saudação a Vossa Eminência e a todos os participantes na Conferência que se realiza em Roma de 11 a 13 de abril sobre o tema: «Nonviolence and Just Peace: Contributing to the Catholic Understanding of and Commitment to Nonviolence».

Tal encontro, organizado conjuntamente pelo Pontifício Conselho «Justiça e Paz» e pelo Movimento Pax Christi, assume um carácter e um valor totalmente particulares no Ano Jubilar da Misericórdia. Com efeito, a misericórdia é «fonte de alegria, serenidade e paz»<sup>1</sup>, uma paz antes de tudo interior que nasce da reconciliação com o Senhor<sup>2</sup>. Contudo, é inegável que também as circunstâncias, o momento histórico, no qual tal Conferência se realiza, por um lado enchem-na de expectativas e, por outro, não podem deixar de ser consideradas nas reflexões dos participantes.

A fim de buscar vias de solução para a singular e terrível «guerra mundial aos pedaços» que, nos nossos dias, grande parte da humanidade está a viver de modo direto ou indireto, é necessário redescobrir as razões que impeliram no século passado os filhos de uma civilização em grande parte ainda cristã a dar vida ao Movimento Pax Christi e ao Pontifício Conselho «Justiça e Paz». Ou seja, é preciso trabalhar por uma paz verdadeira através do encontro entre pessoas concretas e a reconciliação entre povos e grupos que se enfrentam por posições ideológicas contrapostas e esforçar-se por realizar a justiça na qual pessoas, famílias, povos e nações sintam que têm o direito nos âmbitos social, político e económico de cumprir a sua missão no mundo<sup>3</sup>. Com efeito,

ao lado do «sábio esforço daquela superior fantasia criativa, que chamamos diplomacia»<sup>4</sup> que deve ser continuamente alimentado, e à promoção, no mundo globalizado, da justiça, que é «ordem na liberdade e no dever consciente»<sup>5</sup>, é necessário renovar todos os instrumentos mais adequados para concretizar a aspiração à justiça e à paz dos homens e das mulheres de hoje. Desta forma, também a reflexão para relançar o percurso da não-violência, e em especial da não-violência ativa, constitui um necessário e positivo contributo. É quanto se propõem fazer os participantes na Conferência de Roma, aos quais gostaria de recordar nesta minha mensagem alguns pontos que me estão particularmente a peito.

A premissa fundamental é que a finalidade última e mais digna da pessoa humana e da comunidade é a abolição da guerra<sup>6</sup>. De resto, como se sabe, a única condenação expressa pelo Concílio Vaticano II foi precisamente a da guerra<sup>7</sup>, embora na consciência de que, não tendo sido extirpada da condição humana, «não se pode negar aos governos, depois de esgotados todos os recursos de negociações pacíficas, o direito de legítima defesa»<sup>8</sup>.

Outro ponto indiscutível: a constatação de que «o conflito não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser aceitado»<sup>9</sup> para não permanecermos enredados perdendo a perspetiva geral e o sentido da unidade profunda da realidade<sup>10</sup>. Com efeito, só se aceitarmos o conflito, poderemos resolvê-lo e transformá-lo num anel de ligação daquele novo processo que os «agentes de paz» põem em prática<sup>11</sup>.

Além disso, como cristãos, sabemos que só se considerarmos os nossos semelhantes como irmãos e irmãs poderemos superar guerras e conflitos. A Igreja não se cansa de repetir que isto é válido não só individualmente mas também para os povos e as nações, a ponto que considera a Comunidade internacional como a «Família das Nações». Por este motivo, também na [Mensagem para o Dia mundial da Paz deste ano](#) dirigi um apelo aos responsáveis dos Estados a fim de que «renovem as suas relações com os outros povos, permitindo a todos uma efetiva participação e inclusão na vida da comunidade internacional, para que se realize a fraternidade também dentro da família das nações»<sup>12</sup>.

Como cristãos, sabemos também que o grande obstáculo a ser removido para que isto aconteça é aquele erigido pelo muro da indiferença. A crónica dos tempos recentes demonstra-nos que se falo de muro não é só para usar uma linguagem figurada, mas porque se trata da triste realidade. Uma realidade, esta indiferença, que atinge não só os seres humanos mas também o meio ambiente natural com consequências frequentemente nefastas em termos de segurança e de paz social<sup>13</sup>.

Contudo, o compromisso a superar a indiferença só terá sucesso se, imitando o Pai, formos capazes de usar a misericórdia. Aquela misericórdia que encontra a sua expressão na solidariedade, por assim dizer, «política» porque a solidariedade constitui a atitude moral e social que melhor responde à tomada de consciência das chagas do nosso tempo e da

interdependência entre a vida do indivíduo e da comunidade familiar, local ou global<sup>14</sup>.

Deste modo, no nosso mundo complexo e violento, é grande a tarefa que espera quantos trabalham pela paz, vivendo a experiência da não-violência! Obter o desarmamento integral «desarmando os espíritos»<sup>15</sup>, criando pontes, combatendo o medo e continuando o diálogo aberto e sincero, é deveras árduo. Com efeito, dialogar é difícil, é preciso estar prontos a dar e também a receber, a não partir do pressuposto que o outro erra mas, a partir das nossas diferenças, procurar, sem negociar, o bem de todos e, quando enfim se estabelece um acordo, mantê-lo firmemente<sup>16</sup>.

De resto, diferenças culturais e de experiências de vida caracterizam também os participantes na Conferência de Roma, mas elas enriquecerão os intercâmbios e contribuirão para a renovação do testemunho ativo da não-violência como «arma» para conquistar a paz.

Por fim, gostaria de convidar todos os presentes a apoiar duas das solicitações que dirigi aos responsáveis dos Estados, neste Ano jubilar: a abolição da pena de morte, onde ainda estiver em vigor, juntamente com a possibilidade de uma amnistia, e o cancelamento ou a gestão sustentável da dívida internacional dos Estados mais pobres<sup>17</sup>.

Enquanto cordialmente desejo a Vossa Eminência e aos participantes um profícuo e frutuoso trabalho, a todos concedo a minha bênção apostólica.

## FRANCISCO

---

1 *Misericordiae vultus*, n. 2.

2 *Ibid.*, n. 17.

3 Cf. *Gaudium et spes*, n. 9.

4 Paulo VI, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1976*, *As verdadeiras armas da paz*.

5 *Ibid.*

6 *Discurso ao IV Curso de formação dos Capelães Militares ao Direito internacional humanitário*, 26 de outubro de 2015.

7 Cf. *Gaudium et spes*, nn. 77 a 82.

8 *Gaudium et spes*, n. 79.

9 *Evangelii gaudium*, n. 226.

10 *Ibid.*

11 *Ibid.*, n. 227.

12 Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2016, *Vence a indiferença e conquista a paz*, n. 8.

13 Cf. *ibid.*, n. 4.

14 Cf. Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2016, *Vence a indiferença e conquista a paz*, n. 5.

15 São João XXIII, *Pacem in terris*, n. 61.

16 *Discurso aos Representantes da Sociedade civil*, Assunção, 11 de julho de 2015.

17 Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2016, *Vence a indiferença e conquista a paz*, n. 8.